

## ENCONTRO DAS ÁGUAS E DOS VERSOS: O POEMA COMO RELATO DA DEGRADAÇÃO AMBIENTAL

**Sandro Francisco Detoni**

Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza - CEETEPS  
Faculdade de Tecnologia de Barueri – FATEC, Barueri, SP, Brasil  
[sandrogeousp@yahoo.com.br](mailto:sandrogeousp@yahoo.com.br)

### RESUMO

O texto poético pode expressar o valor simbólico cultural de uma dada paisagem, além de, simultaneamente, salientar as ações humanas que as alteram. Este trabalho analisou a percepção poética e simbólica das paisagens descritas nos poemas *A meditação sobre o Tietê*, escrito por Mário de Andrade, e *Adeus a Sete Quedas*, de Carlos Drummond de Andrade. O intuito foi o de verificar os atributos que ensejam as valorizações culturais do rio Tietê e dos Saltos das Sete Quedas. As linhas a seguir também versam sobre os condicionantes envolvidos na degradação ambiental e submersão, no caso dos Saltos das Sete Quedas, desses potenciais patrimônios naturais e paisagísticos. Selecionaram-se alguns versos que remetem ao valor cultural da natureza, juntamente com as degradações ambientais relatadas pelos textos, os quais foram correlacionados aos contextos históricos, econômicos, políticos e sociais envolvidos na dilapidação daqueles potenciais objetos culturais. Efetuou-se também o levantamento de documentos cartográficos e iconográficos para ilustrar o conteúdo simbólico das paisagens. Por fim, procurou-se fundamentar os textos no espectro dos materiais que denunciam a ruptura do significado simbólico cultural dos elementos paisagísticos.

**Palavras-chave:** Patrimônio natural. Rio Tietê. Salto das Sete Quedas. Paisagem.

### THE MEETING OF WATERS AND VERSES: THE POEM AS REPORT OF ENVIRONMENTAL DEGRADATION

#### ABSTRACT

Poetic texts can express the cultural symbolic value of a specific landscape and simultaneously narrate the human action that contributes to their transform. This article analyzed the poems *A meditação sobre o Tietê*, written by Mário de Andrade, and *Adeus a Sete Quedas* by Carlos Drummond de Andrade. These texts describe some attributes that demonstrate the cultural significance of Tietê River, and Sete Quedas Falls. Besides, it verified the historic context about environmental degradation and submersion, in the case of Sete Quedas Falls, of those landscapes and natural heritages. The search used some verses that describe the nature cultural value and environmental degradation of the landscapes, which were correlated to historical, economic, political and social contexts, involved in the dilapidation of those potential cultural objects. Cartographic and iconographic documents illustrate the symbolic content of the landscapes. The poems can be considered as materials that report the rupture of the cultural symbolic meaning of landscape elements.

**Keywords:** Heritage. Tietê River. Sete Quedas Falls. Landscape.

### ENCUENTRO DE LAS AGUAS Y DE LOS VERSOS: EL POEMA COMO RELATO DE LA DEGRADACIÓN AMBIENTAL

#### RESUMEN

El texto poético puede expresar el valor simbólico cultural de un paisaje, además de simultáneamente lo describe las acciones humanas que las cambian. Este artículo ha analizado los poemas *A meditação sobre o Tietê*, hecho por Mário de Andrade, y *Adeus a Sete Quedas*, de Carlos Drummond de Andrade. Los textos expresan algunos atributos los cuales justifican el valor cultural del río Tietê y de los Saltos del Guairá. Las siguientes líneas también tratan de las dimensiones históricas, políticas, económicas y sociales envueltos en la degradación ambiental y la sumersión, en el caso de los Saltos del Guairá, de esos patrimonios naturales y paisajísticos. La investigación utilizó algunos versos para

describir el valor cultural de la naturaleza y la degradación ambiental del paisaje, los cuales fueran relacionados con los contextos históricos, económicos, políticos y sociales involucrados en el deterioro de estos potenciales objetos culturales. Con los documentos cartográficos e iconográficos fue posible ilustrar el contenido simbólico de los paisajes. Los poemas son materiales que relatan la ruptura del significado simbólico cultural de los elementos del paisaje.

**Palabras claves:** Patrimonio natural. Río Tietê. Saltos del Guairá. Paisaje.

## INTRODUÇÃO

A paisagem é uma categoria entendimento de caráter polissêmico que, ao ensejar um significado simbólico coletivo, pode ser passível de reconhecimento como um patrimônio cultural, o que a torna como um dos objetos das políticas públicas fomentadas por instituições culturais.

A importância cultural das paisagens, muitas vezes, é substanciada por meio das diferentes expressões artísticas, entre as quais, o texto poético. Seja na forma de poema ou de canção, o conteúdo textual, ao descrever um sentimento individualizado, pode ecoar distintas percepções do imaginário coletivo. Assim, de forma direta ou nas suas entrelinhas, o poema se constitui como um instrumento de chancela do seu valor cultural paisagístico.

A seletividade dos diferentes objetos e dimensões culturais, os quais se materializam como condição concreta do patrimônio cultural, deve ser condicionada aos seus significados junto ao contexto coletivo:

A noção de patrimônio, desta forma, aponta para o aspecto da exterioridade da cultura; objetos, técnicas, espaços, edificações, crenças, rituais, instrumentos, costumes, etc., constituem os suportes físicos, as formas particulares e tangíveis de expressão dos padrões culturais. Como corolário desta análise, do ponto de vista da ação preservacionista, pode-se afirmar que esta incide não sobre a cultura em sim -; cujos processos constitutivos e de transformação estão sujeitos a determinações mais gerais, ditadas pela dinâmica social e política -, mas sobre seus suportes, manifestações e condições concretas de existência; e também não sobre todos, o que introduz uma segunda qualificação a ser analisada no conceito de patrimônio cultural, que é seu caráter seletivo. (MAGNANI, 1986, p. 2).

No espaço europeu, ou “velho mundo”, a institucionalização do patrimônio cultural, inicialmente, focou-se na proteção dos conteúdos históricos relacionados à antiguidade clássica, visto que apresentam importantes testemunhos distribuídos pelo continente. A importação desse modelo para o denominado “novo mundo” demandou, imprescindivelmente, uma reestruturação de suas bases teóricas, a partir do desenvolvimento de um conjunto argumentativo para incorporar a dimensão natural como parte dos objetos culturais, pois a relação simbólica com os elementos hereditários apresentou exíguas possibilidades.

Num primeiro momento, sugere-se que a difusão ideológica dos signos de representação cultural considerou uma dimensão histórico-arquitetônica, cujos referenciais dizem respeito a uma classe dominante que, por sua vez, negava os atributos culturais da população originária. Por outro lado, é oportuno frisar que os remanescentes construtivos dos nativos, apesar da engenhosidade técnica, ao se utilizarem de matéria-prima sem um processamento conservativo, estavam condicionados à efetiva degradação natural, agravada pelo abandono desses espaços, na ocasião do extermínio e da expulsão dos povos que os ocupavam. Assim, grande parte dessas estruturas simbólicas foi subtraída da paisagem, exceção feita ao patrimônio advindo dos povos andinos e da América Central. Acrescenta-se a essa perspectiva, a dispersão territorial dos povos autóctones, distribuídos em centenas de etnias, além de formas de socialização pautadas pela transmissão oral de seus conhecimentos, característica que, inevitavelmente, contribuiu para a dilapidação, a partir do modelo de exploração territorial e difusão cultural impostos pelos europeus.

Ao se deparar com os signos de referência da invasão alienígena colonial, especificamente, no contexto das formas arquitetônicas, verifica-se que esses objetos, passíveis de valor cultural, restringiram-se às porções específicas do território. Mesmo nesses espaços, foi recorrente a sua

substituição por um padrão neoclássico, num primeiro momento, e moderno no decorrer no século XX. Entretanto, é oportuno salientar que os objetos considerados como referências culturais não se remetem somente aos atributos arquitetônicos materiais. Propõe-se, nesta introdução, relatar que o processo de institucionalização, ou não, dos objetos que carregam valores culturais, principalmente, no espaço latino-americano, tem como preceito a amplitude tipológica, sociológica e cronológica desse conceito.

No caso específico das regiões onde foi imposto um modelo de institucionalização patrimonial assentado nas características especificadas, o patrimônio paisagístico natural se constituiu como integrante do conjunto de objetos culturais e permitiu a ampliação do espectro dos reconhecimentos culturais.

A preservação das formas e conteúdos ecológicos, sintetizados na estrutura paisagística, enseja a proteção dos seus valores e significados na amplitude das heranças culturais a serem compartilhadas. Ab'Sáber (1977) descreve, habilmente, as relações entre a paisagem, a natureza e o patrimônio cultural:

[...] a paisagem é sempre uma herança. Na verdade, ela é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades. (AB'SÁBER, 1977, p.19).

As paisagens são legados naturais e antrópicos, formadas a partir de processos de distribuição de matéria e energia em equilíbrio dinâmico, cuja intensidade define a fisionomia paisagística. Qualquer ação humana desequilibra o dinamismo ambiental e se caracteriza como impacto ambiental. Se a interferência conduzir a perda de qualidade, afirma-se que houve uma degradação ambiental, ou um impacto negativo. Dessa forma, a poluição hídrica e a subtração de elementos paisagísticos, por exemplo, ao derivar de ações humanas, comprometem também a função cultural de uma paisagem.

Diante do exposto, este artigo discorre sobre os conteúdos simbólicos culturais expressos pelos textos poéticos descritos no Quadro 1. Analisa-se a percepção poética das ações de degradação ambiental apontadas pelos poemas, as quais estão relacionadas às conjecturas políticas, econômicas e sociais no momento da elaboração dos textos. Objetivou-se cancelar os textos como valiosos documentos históricos acerca do valor cultural daqueles objetos e que denunciam a orientação ideológica circunscrita nas ações de degradações ambientais que os patrimônios naturais foram submetidos.

Quadro 1 - Degradação ambiental e os textos poéticos analisados.

Principal Ação/Degradação ambiental		Local	Período	Referência cultural	Texto poético	Autor	Ano	Tipo
Disposição de efluentes	Poluição hídrica	São Paulo	A partir do século XIX	Rio Tietê	A meditação sobre o Tietê	Mário de Andrade	1945	Poema
Construção de barragem para usina hidrelétrica	Subtração de elementos paisagísticos	Departamento de Canindeyú (Paraguai), Paraná e Mato Grosso do Sul (Brasil)	1982	Salto das Sete Quedas	Adeus a Sete Quedas	Carlos Drummond de Andrade	1982	

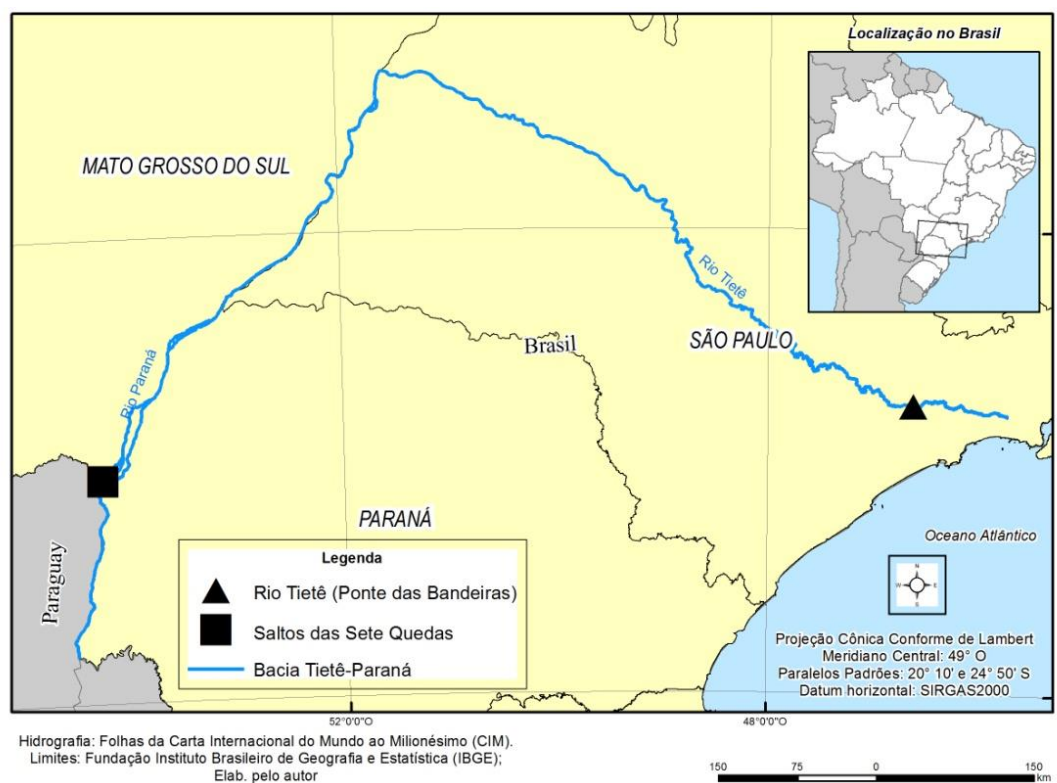
Org - pelo autor.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Ambas as paisagens abortadas pelos poemas se encontram na Bacia Hidrográfica do Paraná, conforme representado no mapa disposto na Figura 1.

A sequência metodológica partiu da hipótese que os textos descrevem dimensões paisagísticas dotadas de potenciais reconhecimentos culturais institucionais, em razão das suas propriedades simbólicas coletivas, as quais foram impactadas, negativamente, por intervenções antrópicas.

Figura 1 - Bacia do Paraná: Localização das paisagens descritas pelos poemas.



Para se atingirem os objetivos, foi selecionado um conjunto de versos que destacam os atributos simbólicos culturais das paisagens, além da identificação das formas de degradação ambiental relatadas nos textos poéticos. Nesse sentido, por um lado, os excertos substanciam o significado coletivo daquelas paisagens e, por outro, descrevem as ações que conduziram aos impactos ambientais negativos.

Consequentemente, com apoio bibliográfico, correlacionaram as conjecturas históricas, econômicas, políticas e sociais abarcadas na dilapidação daqueles potenciais objetos culturais de valor paisagístico. Também se efetuou o levantamento de documentos cartográficos e iconográficos para ilustrar a importância simbólica das paisagens. Por fim, procurou-se fundamentar os textos como parte dos materiais para analisar a ruptura do significado simbólico cultural dos elementos paisagísticos.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### *A meditação sobre o Tietê*<sup>1</sup>

O poema *A meditação sobre o Tietê*, escrito por Mário de Andrade, foi publicado, originalmente, no livro *Lira Paulistana*, em 1945<sup>2</sup>. O texto foi o único, num conjunto de 29, a receber um título. Segundo

<sup>1</sup> Tietê: do tupi brasileiro, curso d'água verdadeiro, caudal considerável (Theodoro Sampaio. O tupi na geographia nacional. São Paulo: Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, 1901, 164 p.).

Major Neto (2007), ele reflete a plena expressão da aguda consciência da forma particular que o conflito social assume na periferia do capitalismo.

Implicitamente, as linhas fazem uma crítica às mazelas sociais e ambientais produzidas pela modernidade. O autor descreve, provido da angústia poética, uma cidade que se transforma ao ritmo do correr das águas de um rio. De certa forma, é possível remeter ao fragmento n. 91 de Heráclito de Éfeso<sup>3</sup> (Séculos V e VI BCE), no qual menciona que o homem não se banha duas vezes no mesmo rio, porque, posterior ao primeiro banho, não será o mesmo homem, tampouco a drenagem será a mesma. Com isso, *A meditação sobre o Tietê* narra a mudança (ou movimento) trazida pela modernidade, cujo ícone é o carro, máquina que simboliza o moderno e resultaria nas modificações das paisagens e das estruturas socioeconômicas da região.

No âmbito de sua dimensão simbólica, verifica-se que as funções do rio Tietê se alteram como o fluir das suas águas. Provedor alimentício e de água potável, o movimento do curso d'água passa a ter o uso restrito como força motriz energética. Ora uma importante via de comunicação e área de lazer, além de elemento estético e paisagístico para a cidade, transforma-se num canal de escoamento de esgoto e resíduos industriais. Fornecedor de matéria-prima para a construção da cidade se apresenta como espaço especulativo para expansão urbana. Todas as funções descritas são sobrepostas pela dimensão que permaneceu no tempo e no espaço: a histórica, cuja análise possibilita uma reflexão sobre um modelo socioeconômico responsável, entre outras consequências, na dilapidação de potenciais patrimônios culturais. Para Rocha (1991):

Realmente, o rio, embora os episódios das enchentes propiciassem a proliferação de mosquitos e as febres, foi sempre magnânimo. Rio e seres humanos associaram-se indissolavelmente. A população com sua urbe esparramada às cabeceiras do rio, que naturalmente irrigava a planície, estabeleceu afinidades, intimidades e conflitos, como no dizer de Maurice Pardé em *Fleuves et Rivières*. (ROCHA, 1991, p. 16).

O rio Tietê se apresenta como o contraponto entre um passado, supostamente, arcaico e o prenúncio de um futuro que valoriza os signos modernos, espelhado *num banzeiro de água pesada e oliosa*, como descrito nos versos iniciais:

*É noite. E tudo é noite. Debaixo do arco admirável  
Da ponte das Bandeiras o rio  
Murmura num banzeiro de água pesada e oliosa.*

A degradação ambiental é amenizada pela ideologia da “modernidade”, a qual substancia que a industrialização é a premissa fundamental do desenvolvimento econômico. Faz-se aqui o uso de um paralelo teórico com as preposições sustentadas por Mires (2012), ao criticar a denominada “economia do crescimento”, cuja concepção central envolve o pressuposto de que há um preço a pagar para que o desenvolvimento seja possível, ou seja, um custo social e/ou ambiental. Para o autor, possivelmente, tal compreensão advém de uma transposição cultural europeia, ancorada no catolicismo medieval de “sacrifício” e “paraíso”. Constitui-se num discurso arcaico que serve ao moderno e vice-versa (MIRES, 2012).

A Ponte das Bandeiras, conseqüentemente, cumpre o papel da intervenção moderna na paisagem. A infraestrutura, erguida em concreto, expressava a modernidade (Figura 2). Ela é parte de um projeto urbanístico que viria modificar a relação entre os cidadãos e a cidade. Por conseguinte, a Ponte também representa, no contexto urbano, a materialização das condições materiais de produção e circulação (CARLOS, 2018). Todavia, ao substituir a antiga Ponte Grande, composta de ferro e pilares em pedra (Figura 3), torna-se o ícone da ruptura com o passado colonial. O “mais arcaico” e o “mais moderno” justapostos de forma insólita, o passado permanece e retorna insistentemente (MAJOR-NETO, 2007). Alguns trechos do texto expressam exemplos desses contrários sobrepostos:

*[...] Ruas, ruas por onde os dinossauros caxingam  
Agora, arranha-céus valentes [...]*

Os dinossauros da modernidade são os carros, os quais são descritos como *imponentes de luxo e diamante*.

<sup>2</sup> ANDRADE, M. de. Lira Paulistana: seguida de o carro da miséria. São Paulo: Livraria Editora Martins Fontes, s/d, 90 p.

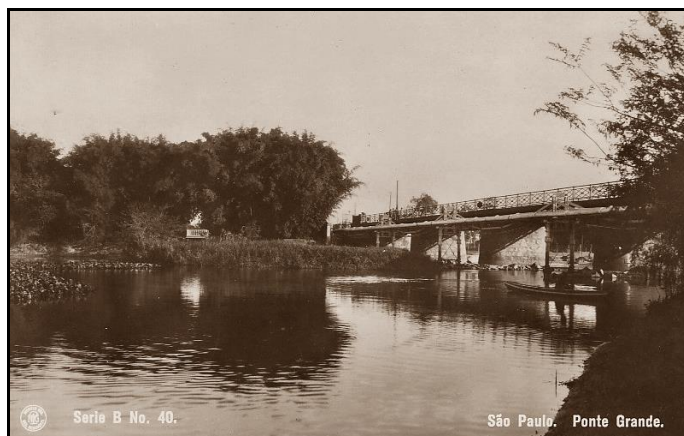
<sup>3</sup> Filósofo pré-socrático, pai da dialética.

Figura 2 - São Paulo (SP): Ponte das Bandeiras, 1947



Fonte - Odetto Guersoni, óleo sobre tela, 50 x 65 cm. Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Figura 3 - São Paulo (SP): Ponte Grande, 1900



Fonte - Cartão Postal da Ponte Grande. Série B, n. 40. Fotografia de Guilherme Gaensly.

O ideário da modernidade naturalizou a poluição do rio Tietê que passou a ser interpretada como sinônimo de pujança econômica. Também consolidou a asserção das separações entre o urbano e o rural, a sociedade e a natureza - cada espaço cumprindo a sua função como numa planta industrial. No entanto, a degradação ambiental da bacia hidrográfica expõe um modelo de desenvolvimento que traz consigo o subdesenvolvimento social.

As curvas, meandros, zonas espaiadas, cachoeiras, corredeiras, saltos, etc. que o rio levou milênios para formar, adaptar, amalgamar; os teores de matéria orgânica, sais minerais, restos de seres vivos e produtos da decomposição das rochas às suas margens e leito; a fauna e a flora aquáticas e semiaquáticas que às suas águas se adaptaram e sobreviveram durante séculos, foram em um abrir e fechar de olhos, de menos de cem anos, totalmente modificados. (ROCHA, 1991, p. 16).

É válido ressaltar que os registros da degradação ambiental rio do Tietê remontam ao século XVII, quando da exploração do ouro e do ferro em seus tributários (ROCHA, 1991). No século XIX, os relatos da Viagem Mineralógica na Província de São Paulo dos irmãos Andrada destacavam a ação antrópica inconsequente na bacia:

[...] miserável estado em que se acham os rios *Tamandataí* e *Tietê*, sem margens nem leitos fixos, sangrados em toda a parte por sarjetas, que formam lagos e paúes<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Pauis: aguaçais, charcos, lodaçais, paludes, pântanos, tremedais.

que inundam esta bela planície; e o que é mais para lastimar é que quase todos estes males não são obra da natureza, mas sim resultado da ignorância dos que quiseram melhorar o curso destes rios (sic). (SILVA; ANDRADE, 1954, p. 68).

Jorge (2012) descreve que o relatório do fiscal de rios José Joaquim de Freitas, apresentado ao executivo municipal, em 1903, reportava, pessimistamente, sobre a situação sanitária do rio Tietê. O documento destaca a presença de grandes ilhas de lodo em ativa fermentação, esgoto carreado pelas águas e que se concentravam em lagos durante a estiagem. Nos períodos de vazante, o lodo pútrido de esgoto se acumulava, principalmente, nas depressões, em função do extravasamento do leito regular do curso d'água. Tais espaços apresentavam mau cheiro e concentração de moscas e pernilongos. A solução, segundo o fiscal de rios, seria o tratamento das matérias de esgotamento sanitário, pois a retificação do rio, mesmo aumentando a velocidade das águas, seria insuficiente para a sua diluição (JORGE, 2012).

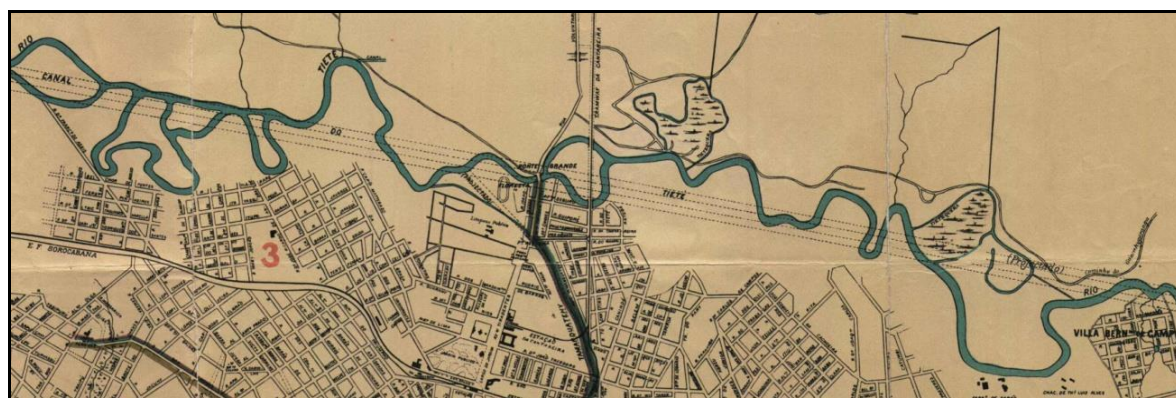
No âmbito da expansão urbana, verifica-se que a cidade de São Paulo se estendeu dos topos para as bases das suas colinas, dos centros para as periferias dos diferentes núcleos urbanizados, das bacias hidrográficas de primeira ordem para as de ordens superiores<sup>5</sup>.

Desde *Guarulhos* até a *Freguesia do Ó*, o povoamento antigo dos outeiros e altas colinas de além-Tietê obedeceu surpreendentemente a um mesmo estilo. Quase todos os pequeninos núcleos, ali formados até o século XIX, nasceram no topo suave das primeiras colinas que se encontravam logo após as grandes várzeas do Tietê. Desta forma, aqui e ali se implantaram núcleos e povoados, em torno de rústicas igrejas ou capelas, enquanto em outros pontos altos foram localizadas sedes de fazendas ou chácaras, pertencentes a moradores abastados da cidade. Sítios modestos, entremeadas de matas espessas, existiam por todas as encostas e vales, até as proximidades da Serra da Cantareira. (AB'SÁBER, 1958, p. 227).

A partir desse movimento, a mancha urbana do núcleo principal atinge a planície do Tietê, juntamente com a expansão dos outros núcleos dispersos na área da planície inundação, ora ocupados pela população de baixa renda, além dos limites máximos das cheias, isolados do núcleo urbano principal, em razão das largas várzeas submersíveis e malsãs (AB'SÁBER, 1958).

Os mapas das Figuras 4, 5, 6 e 7 apresentam um setor da planície fluvial, respectivamente, nos anos de 1897, 1924, 1930 e 1943. No decorrer do referido período, os arruamentos passaram a substituir os denominados meandros abandonados, descritos na Planta de 1897 como Tietequeras<sup>6</sup>. A retificação do Tietê permitiu a incorporação de novas áreas de expansão urbana. Sem dimensionar as questões relativas ao saneamento e abastecimento hídrico, os corpos hídricos, localizados na área urbana, paulatinamente, passam a servir apenas como canal de escoamento de esgotos e fonte de energia potencial para a geração de eletricidade.

Figura 4 - São Paulo (SP): Trecho do rio Tietê, 1897.

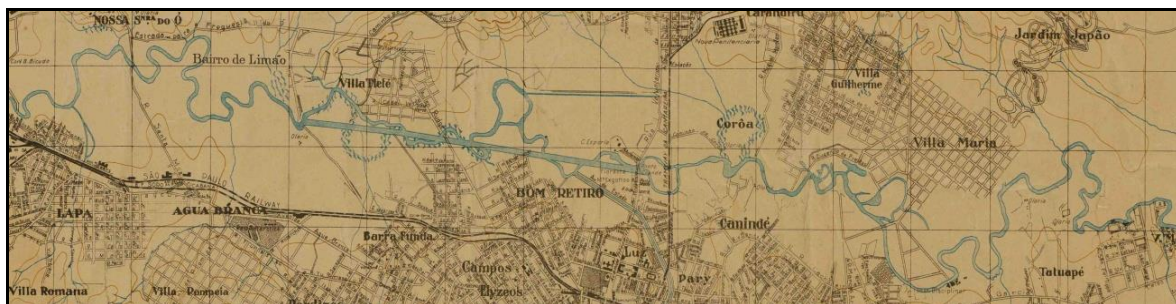


Fonte - Porção da Planta Geral da Capital de São Paulo, escala 1:20.000. Organizada sob direção do Dr. Gomes Cardim, intendente de obras.

<sup>5</sup> Classificação das bacias hidrográficas conforme a quantidade de tributários, quando maior o número de sub-bacias, maior a sua ordem.

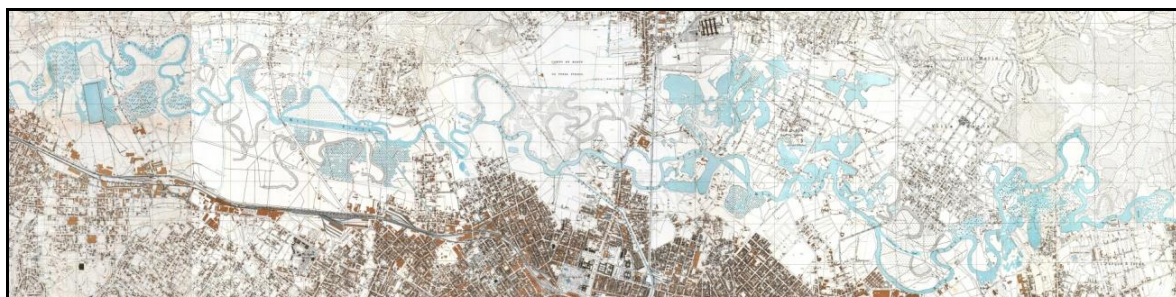
<sup>6</sup> Antigo Tietê, diz respeito aos meandros abandonados. Sufixo *cuéra*, do tupi brasílico: velho, antigo, extinto, indica o passado dos substantivos em tupi, equivale ao prefixo *ex* do latim (Theodoro Sampaio. O tupi na geographia nacional. São Paulo: Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, 1901, 164 p.)

Figura 5 - São Paulo (SP): Trecho do rio Tietê, 1924.



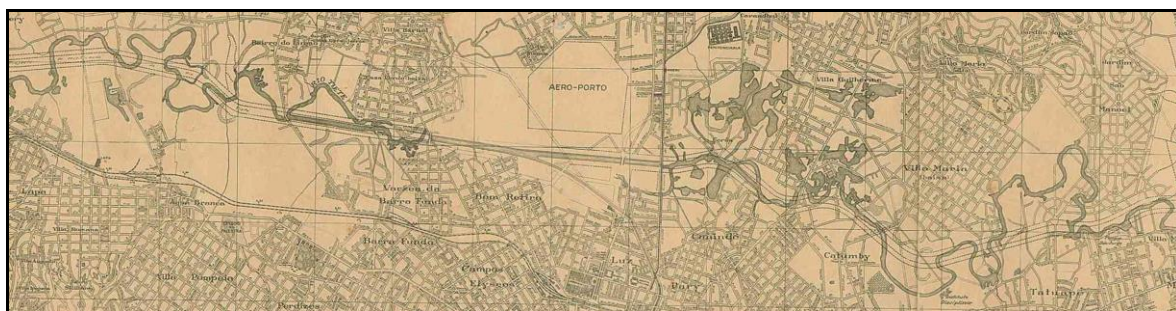
Fonte - Porção da Planta da Cidade de São Paulo: mostrando todos os arrabaldes e terrenos  
arruados, escala 1:30.000.

Figura 6 - São Paulo (SP): Trecho do rio Tietê, 1930



Fonte - Composição das Folhas 22, 23, 24, 25 e 26 do Mappa Topographico do Município de São  
Paulo, escala 1:5.000, executado pela empresa Sara Brasil S.A.

Figura 7 - Trecho do rio Tietê, 1943.



Fonte - Porção da Planta da Cidade de São Paulo e Municípios Circunvizinhos, escala 1:50.000.  
Organizada pela Repartição de Eletricidade da *The São Paulo Tramway Light & Power Co. Ltd.*

Mário de Andrade acompanhou o expressivo crescimento populacional de São Paulo. O município, que no final do século XIX, possuía, aproximadamente, 65 mil habitantes, passa a ter, no início da década de 1940, por volta de 1,35 milhões de habitantes, aumento substancial, principalmente entre 1920, quando a população era, em torno, de 580 mil habitantes, e 1940 (AZEVEDO, 1958).

O crescimento demográfico, o conseqüente aumento da demanda habitacional e a precariedade ou inexistência de saneamento agravaram a poluição hídrica no município, sobretudo, no rio Tietê, destino natural das águas da região. A degradação ambiental do curso fluvial é proporcional à expansão urbana e ao aumento populacional, explicitada nestes trechos do poema de Mário de Andrade:



*É noite. É tudo noite. E o meu coração devastado  
É um rumor de germes insalubres pela noite insone humana.  
[...]  
Destino, predestinações...meu destino. Estas águas  
Do meu Tietê são abjetas e barrentas,  
Dão febre, dão a morte decerto, e dão graças e antíteses.  
[...]  
Isto não são águas que se bebam, conhecido! Estas águas  
São malditas e dão morte, eu descobri!*

A poluição do Tietê era notória e o poema a descreve como uma antítese da habitual representação do significado do termo água, pois o líquido ali não era mais salubre, ilustre, cristalino e sustentáculo da vida, de outrora. Tal análise é consubstanciada por um fato interessante: em 1944, devido aos frequentes casos de tifo e outras doenças, ocorreu, pela última vez, a *Travessia de São Paulo a Nado*, iniciada em 1924.

Convém ressaltar que as medições sistemáticas dos indicadores de poluição no rio Tietê se iniciaram, em 1978, pela atual Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (CETESB). Até aquele momento, as informações eram esparsas e pontuais, em que se sobressai uma pioneira contribuição do sanitarista J. P. Jesus Netto, em estudo realizado entre 1938 e 1946, no qual se obteve um teor médio de Oxigênio Dissolvido (OD) de 3,7 mg/L (ROCHA, 1991). De acordo com os parâmetros descritos pela Resolução do Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA) n. 357 de 2005, o valor mínimo de OD para a sustentação da vida aquática é de 5 mg/L. É oportuno destacar que, entre 2015 e 2020, no ponto de monitoramento da qualidade da água, realizado pela CETESB, localizado na Ponte das Bandeiras, aferiu-se um valor médio de 0,76 mg/L<sup>7</sup>. Nesse sentido, o poema de Mário de Andrade expressa, qualitativamente, o quadro de degradação ambiental do curso d'água e aventa sobre o seu agravamento diante do crescimento metropolitano.

O principal termo qualificador da poluição do rio Tietê no poema é *olioso*. O literato faz uso do chamado metaplasmo, cuja função é a de aproximar o leitor ao português falado. As águas têm *óleo* que as tornam *oliosas*, espessas, sujas, pesadas e abjetas. Ao descrevê-las como podres e barrentas, o texto revela importantes indicadores da degradação ambiental do curso fluvial. O podre se refere às condições de saneamento das áreas urbanizadas. As águas barrentas estão condicionadas à intensificação dos processos erosivos, ocasionadas pela retirada da cobertura vegetal, em razão das novas ruas abertas, oficialmente regularizadas ou não.

No poema, as inundações periódicas do Tietê estão justapostas à torpeza da enchente dos Homens. O autor expõe nos versos o contexto político-ideológico existente<sup>8</sup>. Os governantes não o escutam, pois servem aos interesses dos plutocratas. O texto questiona se eles são chefes e fezes – termo que enuncia a condição sanitária do rio Tietê. Conseqüentemente, a relação entre o governo e os plutocratas é definida no *retrato a óleo das inaugurações espontâneas*, conjectura que está no cerne da degradação ambiental do curso d'água.

*Porque os homens não me escutam! Por que os governadores  
Não me escutam? Por que não me escutam  
Os plutocratas e todos os que são chefes e são fezes?  
Todos os donos da vida?*

<sup>7</sup>Fonte: [sistemainfoaguas.cetesb.sp.gov.br](http://sistemainfoaguas.cetesb.sp.gov.br). Os pontos de monitoramentos a montante (Biritiba-Mirim) e a jusante (Itapura) registraram-se, respectivamente, no mesmo período, o valor médio de 4,38 mg/L e 6,03 mg/L.

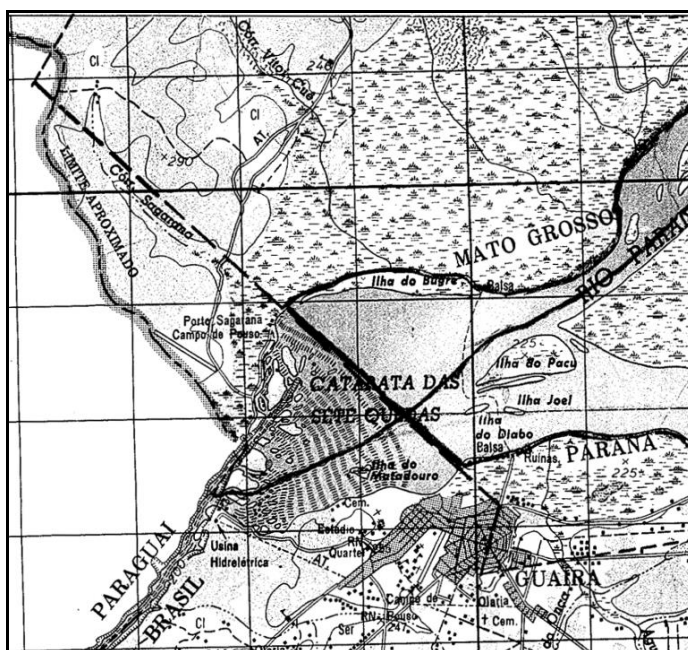
<sup>8</sup>Ditadura do Estado Novo (1937 a 1945).

### **Adeus a Sete Quedas**

O poema *Adeus a Sete Quedas*, publicado em 09 de setembro de 1982, no *Jornal do Brasil*, por Carlos Drummond de Andrade<sup>9</sup>, pode ser considerado como um manifesto ecológico, social e poético que sintetizou o autoritarismo na América Latina, daquele momento.

Os Saltos das Sete Quedas (Figura 8), ou del Guaira<sup>10</sup>, para os paraguaios, estão, mesmo que submersos, localizados entre os estados do Paraná e do Mato Grosso do Sul, no território brasileiro, e o Departamento de Canindeyú, no Paraguai. A sua inundação ocorreu no início da década de 1980, em razão da formação do lago da Usina Hidrelétrica (UHE) de Itaipu.

Figura 8 - Mato Grosso do Sul, Paraná e Paraguai. Localização das Sete Quedas, década de 1960



Fonte - Parte da Carta Topográfica 1:100.000, DSG, folha SG.21-X-B-III, Guaira

Os projetos de aproveitamento hidrelétrico da região remontam à formação da Comissão Interestadual da Bacia do Paraguai e Uruguai (CIBU), criada em 1951 - um consórcio entre os estados localizados na bacia que conduziu diferentes estudos, sobretudo, para o aproveitamento do seu potencial hidráulico. Assim, um dos principais focos, naquele momento, foram, exatamente, os Saltos das Sete Quedas. Apesar da elaboração dos estudos preliminares acerca do seu potencial hidrelétrico, as ações práticas da CIBU se deram na fronteira entre os estados de São Paulo e, na época, o Mato Grosso, por meio da construção das Usinas Hidrelétricas de Jupia e Ilha Solteira. A concretização dessas usinas, a qualificação técnica adquirida, a orientação ideológica do país como potência regional, o autoritarismo governamental e outros fatores corroboraram para a elaboração e execução do projeto para implantação da UHE de Itaipu.

A utilização do máximo potencial produtivo da usina subtraiu da paisagem alguns elementos icônicos da paisagem – saltos e cachoeiras – que se concretizavam como dimensões simbólicas da natureza no conjunto de bens materiais que compunham os patrimônios culturais do Brasil (Figura 9) e do Paraguai (Figura 10).

<sup>9</sup>ANDRADE, C. D. de. Adeus a sete quedas. *Jornal do Brasil*, RJ, 9 set. 1982. Caderno 2, Capa.

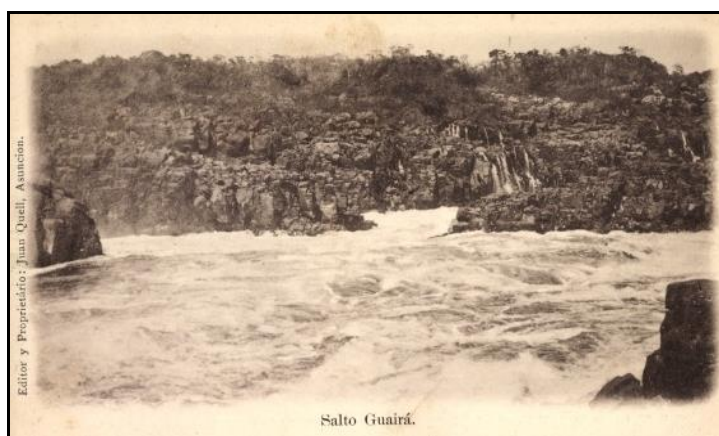
<sup>10</sup>Guayrá, do tupi brasileiro: aquele que cai, o que tomba, a catarata. (Theodoro Sampaio. *O tupi na geographia nacional*. São Paulo: Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, 1901, 164 p.).

Figura 9 - Paraná: Salto das Sete Quedas, s/d.



Fonte - Cartão Postal dos Saltos das Sete Quedas, autor desconhecido.

Figura 10 - Paraguai: Salto do Guairá, s/d.



Fonte - Tarjeta Postal Salto del Guairá, autor Juan Quell.

Aquela paisagem singular, considerada a maior cachoeira em volume d'água medido, inserida no perímetro do Parque Nacional (PN) das Sete Quedas, extinto por um decreto, foi submersa no contexto de um projeto autoritário que, como qualquer imposição, desprezou as manifestações contrárias aos inúmeros impactos ambientais e sociais da referida UHE.

Preliminarmente, havia estudos para o aproveitamento hidrelétrico e a adequação fluvial para a navegação na região dos Saltos das Sete Quedas que contemplavam a preservação daquele patrimônio natural. Sugeriu-se a construção de um canal de desvio, um sistema de eclusas ou a barragem a montante dos saltos, descritos, segundo Caubet (1989), no relatório dos estudos realizados por Octávio Marcondes Ferraz, em 1962, o qual previa a preservação dos saltos por meio do desvio hidráulico do rio Paraná e a geração energética de 10 milhões de Kw a partir de turbinas subterrâneas. No Paraguai, também se evidencia um projeto para o aproveitamento hidrelétrico dos saltos, conforme destaca o historiador paraguaio Efraím Cardozo (CARDOZO, 2018).

A execução posterior da obra da barragem de Itaipu e o dimensionamento de um lago que encobriu os Saltos das Sete Quedas envolveram as seguintes questões: diplomática, geopolítica, ideológica e econômica. O primeiro direcionamento, possivelmente, o decisivo, referia-se ao litígio fronteiriço entre o Brasil e o Paraguai no local, cujo lago, de certa forma, resolveu, parcialmente, a contenda, visto que segue a indefinição acerca do controle de uma pequena área, onde foi criado o Refúgio Biológico de Maracaju, administrado pela Itaipu Binacional. O contexto geopolítico, solucionado com o acordo Tripartite, diz respeito ao controle da vazão hídrica da bacia do rio da Prata, pois a Argentina objetivava a construção da UHE de Corpus, a jusante do local da barragem da futura usina de Itaipu. Já a questão ideológica perpassa pela demarcação da liderança brasileira no Cone Sul, veladamente, inserida na construção, mesmo que consorciada, de uma UHE daquele porte. A dimensão econômica

foi consubstanciada pela crise do petróleo, entre 1973 e 1974, premissa utilizada para consolidar um modelo de produção hidrelétrica à custa da exclusão social e da degradação ambiental.

Os governos autoritários de ambos os países impuseram um projeto irreversível e a população afetada, direta ou indiretamente, não possuía canais institucionais de manifestação. Já a proteção da natureza não contava com instrumentos jurídicos efetivos, como o licenciamento ambiental. Assim, o projeto da usina foi executado sem maiores problemas, mas não sem contestações, entre as quais, inclui-se o poema Adeus a Sete Quedas.

Os atingidos pela barragem se organizaram em dois grupos: os que lutavam por terra e os que reivindicavam o preço justo por suas terras. À medida que houve êxito na negociação dos valores das propriedades, após um acampamento de 54 dias, aos posseiros, meeiros, arrendatários e assalariados restava como opção o reassentamento em projetos incipientes de colonização no Acre, na Bahia e no próprio Paraná ou o êxodo rural. A resistência camponesa ao autoritarismo, naquele e em outros contextos, foi fundamental para a criação de um dos mais importantes movimentos sociais da América Latina, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em 1984.

A degradação das estruturas sociais e a eliminação de uma considerável extensão de terras agricultáveis também atingiram o povo Avá-Guarani. A presença da etnia, naquele local tradicional e sagrado, foi subestimada pela burocracia autoritária. Houve exíguas reparações ofertadas aos indivíduos reconhecidos. Todavia, nada poderia mitigar ou compensar a maior perda: a subtração da paisagem e parte de sua referência cultural. O poema de Drummond expressa o conteúdo memorial para os povos autóctones no seguinte verso:

*Cessa o estrondo das cachoeiras, e com ele  
a memória dos índios, pulverizada,  
já não desperta o mínimo arrepio.*

O autor posiciona o leitor ao contexto histórico-simbólico do local. A violência empreendida aos povos originários se estendia, naquela situação, à natureza e ao valor simbólico das Sete Quedas, destruídas *por mão do homem, dono do planeta*. A dimensão contratual da sociedade contemporânea é contraposta pela natureza imaginosa, ofertada sem contrato.

*Aqui outrora retumbaram vozes  
da natureza imaginosa, fértil  
em teatrais encenações de sonhos  
aos homens ofertadas sem contrato.*

O movimento de resistência mais intenso contou com o acampamento ecológico Quarup (Figura 9), estabelecido no interior do antigo PN das Sete Quedas. A denominação Quarup se refere ao ritual em homenagem aos mortos ilustres, realizado pelos povos indígenas do Xingu com o objetivo de lhes dar vida novamente. Entre as diversas atividades realizadas pelos acampados, está a organização de uma passeata que foi proibida pela polícia.

Figura 11 - Cartaz do Acampamento Ecológico Quarup



Elaborado por Reynaldo Jardim.

O poema destaca a singularidade das Sete Quedas, monumento natural que não há igual em toda engenharia. O trecho vai de encontro do conteúdo ideológico de exaltação à grandeza da obra de concreto. Aqui, possivelmente, uma referência à construção da represa de Assuã, no Egito, que envolveu o traslado do complexo arqueológico Abul-Simbel para outro local, na década de 1960.

*Toda a arquitetura, toda a engenharia  
de remotos egípcios e assírios  
em vão ousaria criar tal monumento.*

A eliminação da paisagem de tamanha obra da natureza ocorreu *por ingrata intervenção dos tecnocratas*, ou seja, um grupo técnico que representa a negação da política. Ao considerar os *cálculos computadorizados* e sem diálogo com a sociedade, o país *vai deixando de ser humano* e se converte em *empresa gélida*, segundo Drummond.

*E desfaz-se  
por ingrata intervenção de tecnocratas.  
Aqui sete visões, sete esculturas  
de líquido perfil  
dissolvem-se entre cálculos computadorizados  
de um país que vai deixando de ser humano  
para torna-ser empresa gélida, nada mais.*

A geração energética, que depende do movimento das turbinas impulsionado pelas águas, carrega consigo o *silêncio empresarial* da represa que elimina o movimento da agitação das Sete Quedas. A ilusão do enriquecimento da vida por meio do conforto e da energia tarifada que, dialeticamente, empobrece-a, no instante que decorre à custa do bem natural, sem preço e sem resgate, além da amplitude pública e coletiva, representada pelo patrimônio natural. A natureza é substituída pela *dor sem gesto*, pois o *modus operandi* da ditadura era a *calada censura*, a maldição daquele tempo.

*Faz-se do movimento uma represa,  
da agitação faz-se um silêncio  
empresarial, de hidrelétrico projeto.  
Vamos oferecer todo o conforto  
que luz e força tarifadas geram  
à custa de outro bem que não tem preço  
nem resgate, empobrecendo a vida  
na feroz ilusão de enriquecê-la.  
Sete boiadas de água, sete touros brancos  
de bilhões de touros brancos integrados  
afundam-se em lagoa, e no vazio  
que forma alguma ocupará, que resta  
senão da natureza a dor sem gesto  
a calada censura  
e a maldição que o tempo irá trazendo?*

A iminência de inundação das Sete Quedas explicitou o valor cultural desse bem natural. O afluxo de visitantes ao local, cujo poema descreve, ocasionou o rompimento de uma das pontes pênseis, visto que se deixou de efetuar a manutenção naquelas estruturas.

*Vinde povos estranhos, vinde irmãos  
brasileiros de todos os semblantes,  
vinde ver e guardar  
não mais a obra de arte natural*

*hoje cartão-postal a cores, melancólico,  
mas seu espectro ainda rorejante  
de irisadas pérolas de espuma e raiva,  
passando, circunvoando,  
entre pontes pênseis destruídas  
e o inútil pranto das coisas,  
sem acordar nenhum remorso,  
nenhuma culpa ardente e confessada.*

O excerto faz referência às declarações, durante a visita ao PN das Sete Quedas, feitas pelos representantes da ditadura militar que, apesar de, supostamente, lamentar a submersão dos saltos, respaldaram a ação como consequência do “progresso”<sup>11</sup>. Posteriormente, o poema faz uso da ironia poética para tecer críticas ao discurso oficial acerca da construção de um país grande e desvela a tagarelice por meio da expressão francesa aportuguesada *patati patatá (et patati et patata)*.

### **Textos poéticos como referenciais ambientais, econômicos, políticos e sociais**

Os poemas analisados possuem algumas similaridades, a começar pelas referências às paisagens da Bacia do Paraná. Momentos distintos, todavia, situações político-econômicas semelhantes: autoritarismos, ideologia da modernidade e economia do crescimento. O poder estatal é assinalado pela figura dos tecnocratas no texto *Adeus a Setes Quedas*. Por sua vez, os tecnocratas cumprem o papel de referendar a decisão dos plutocratas, esses são descritos no poema de Mário de Andrade e representam o poder de um pequeno grupo de endinheirados.

Os condicionantes naturais que permitiram a formação da Bacia do Paraná se constituem na razão da existência do sítio urbano de São Paulo, no setor do alto Tietê, e dos Saltos das Sete Quedas, no médio Paraná. Ambas as formações são resultados de longos processos erosivos iniciados na era Cenozoica (~65 milhões de anos). Por um lado, a ação erosiva conduziu a deposição dos sedimentos onde se assenta o município de São Paulo. Por outro, possibilitou a exposição, em razão da diferença litológica, dos basaltos que compõem a estrutura dos Saltos das Sete Quedas, agora submersos.

Indubitavelmente, é conveniente pontuar que havia necessidade da retificação e do saneamento do rio Tietê, tampouco se deve negligenciar a questão da demanda por eletricidade. No entanto, cabe criticar o autoritarismo das ideias e a imposição de projetos que excluem os seus cidadãos do ato político decisório. Tal exclusão ocasiona, entre outras consequências, o acirramento das desigualdades territoriais e o distanciamento do tão almejado meio ambiente ecologicamente equilibrado, um dos preceitos constitucionais para a garantia da qualidade de vida. Nos casos descritos, foram apresentados outros projetos que preservariam as estruturas paisagísticas de relevante valor natural e cultural. Propostas como a do sanitarista Saturnino de Brito<sup>12</sup> previam o uso integrado das águas do Tietê por meio de áreas de lazer, abastecimento público, geração energética, controle de inundações e transporte. Destacam-se também as propositivas para o aproveitamento hidrelétrico da Bacia do Paraná que apresentaram como opção a construção da barragem a montante das Sete Quedas ou a jusante, por meio do estabelecimento de uma menor cota altimétrica para o lago.

Durante o seu percurso, as águas poluídas do Tietê adquirem um pouco de purificação e encontram os Saltos das Sete Quedas, agora, encobertos, dialeticamente, por elas próprias, devido à *mão do Homem, dono do planeta*, segundo o poema de Drummond. É possível afirmar que a narrativa dos dois textos poéticos contraria, em parte, o fragmento de Heráclito de Éfeso, pois o rio não é o mesmo, mas o Homem, nos momentos distintos descritos, sim!

<sup>11</sup>Jornal *O Estado do Paraná*, setembro de 1982.

<sup>12</sup>BRITO, F. S. R. de. Melhoramentos do Rio Tietê em São Paulo. São Paulo: F. Briguiet; Seção de Obras d'o Estado de São Paulo. 1926

## CONCLUSÕES

Conforme a hipótese inicial, os conteúdos simbólicos culturais ensejados nos poemas analisados chancelam as paisagens como patrimônios culturais. A percepção das conjecturas econômicas, políticas e sociais dos autores, incrementada pela angústia lírica, em razão da degradação ambiental iminente ou efetiva, releva a imposição da denominada ideologia da modernidade presente no contexto do subdesenvolvimento econômico e social.

Este texto procurou trazer à ciência geográfica a possibilidade de uma perspectiva metodológica para a análise qualitativa dos condicionantes históricos envolvidos nas ações de degradação ambiental, muitas vezes, expressos pelas diferentes formas literárias. Assim, os textos poéticos podem se constituir num relevante material de apoio aos processos de ensino e aprendizagem. Tal procedimento carrega um caráter sistêmico, inter e transdisciplinar, o que satisfaz o pressuposto elementar para os estudos da natureza e da cultura.

## REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, A. N. Diretrizes para uma Política de Preservação de Reservas Naturais do Estado de São Paulo. **Boletim de Geografia e Planejamento**, São Paulo: Instituto de Geografia da USP, n. 30, p. 7-19, 1977.
- AZEVEDO, A. São Paulo: cidade trilionária. In: **A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana**. Vol. I: A região de São Paulo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958, 254 p. 6-40.
- CARDOZO, E. **Los derechos de Paraguay sobre los Saltos del Guairá**. Asunción: Editorial El Lector, 2018, 305 p.
- CARLOS, A. F. A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2018, 9. ed., 3ª reimp., 92 p.
- CAUBET, G. C. **As Grandes Manobras de Itaipu: energia diplomacia e direito na Bacia do Prata**. São Paulo: Acadêmica, 1989. 383 p.
- JORGE, J. Rios e saúde na cidade de São Paulo, 1890-1940. **História e Perspectivas, Uberlândia**, n. 47, p. 103-124, 2012.
- MAGNANI, J. G. C. Pensar grande o patrimônio cultural. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, v. 3, n. 2, dez. 1986. <https://doi.org/10.1590/S0102-64451986000300011>
- MAJOR NETO, J. E. A 'Lira Paulistana' de Mário de Andrade: a insuficiência fatal do outro. **Tese** (Doutoramento). Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017, 275 p.
- MIRES, F. **O discurso da natureza: ecologia e política na América Latina**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Bernúncia Editora, 2012, 242 p.
- ROCHA, A. A. **Do lendário Anhembi ao poluído Tietê**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1991, 80 p.
- SILVA, J. B. ANDRADA e; ANDRADA, M. F. R. Viagem Mineralógica na Província de São Paulo (Primeira Parte). **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 16, 1954, 66-74 p.

---

Recebido em: 23/04/2021

Aceito para publicação em: 30/08/2021